

## SURF

# Circuito Mundial na saúde e na doença

Surfistas masculinos e femininos percorrem os mesmos sete países, entram nas mesmas dez etapas e saem com prémios iguais. *Cut* a meio da temporada define quem disputa título. Campeão mundial, Gabriel Medina, anunciou pausa devido a questões de saúde mental. Kelly Slater, e outros, podem falhar Austrália se não tiverem vacina contra a covid-19

Miguel Morgado

miguel.morgado@novo.lapaneews.pt

Saúde mental e putativas proibições de entrada em países por parte de surfistas sobre quem recaiam dúvidas em relação ao processo de vacinação contra a covid-19 concorrem com as alterações históricas inscritas pela Liga Mundial de Surf (WSL) no Circuito Mundial 2022 (Championship Tour): circuito único e prémios iguais para surfistas masculinos e femininos e divisão por *ranking*, a meio da temporada, de um grupo que disputará o acesso a finais e títulos.

Antes de surfar as alterações do CT 2022, cujo arranque está assinalado em dose dupla para o Havai, primeiro a 29 em Pipeline, no North Shore, na Ilha de Oahu, com período de espera até 10 de Fevereiro, seguido do Sunset (11 a 23 de Fevereiro), discutamos em terra temas que vão além da espuma do dia.

Começamos pela saúde mental. O assunto foi colocado na agenda pela ginasta norte-americana Simone Biles e tem merecido um eco eclético em todo o mundo (em Portugal, o IPDJ e a Cruz Vermelha Portuguesa assinaram um protocolo ao abrigo do qual atletas, treinadores e seleções terão apoio).

Gabriel Medina, campeão em título, tricampeão mundial, colocou-a debaixo do braço e anunciou no Instagram uma pausa na carreira, falhan-

do o arranque do Circuito Mundial de Surf. O recado foi acompanhado pela ilustração de seis fotografias. O álbum abre com uma pintada a preto-e-branco, na qual o surfista brasileiro surge de ar introspectivo a olhar para o trio de troféus conquistado. A cores, há uma manobra (*aerial*), um grito de celebração e dois actos de busca da espiritualidade. Texto e imagens falam a uma só voz.

"No ano passado, vivi uma montanha-russa de emoções dentro e fora da água, o que afectou muito [a] minha saúde mental e física. No final da temporada estava completamente esgotado. Cheguei ao meu limite", escreveu. "Venho de meses muito desgastantes. Reconhecer e admitir para mim mesmo que não estou bem vem sendo um processo muito difícil, e optar por tirar um tempo para me cuidar foi talvez a decisão mais difícil que já tomei em toda a minha vida", acrescentou o surfista, que não deixou de recordar neste estado de alma virtual o "ano incrível" e a conquista do "maior sonho" ao "tomar-me tricampeão".

Interrogando-se se deveria "tornar público" ou "manter de forma privada" o que lhe tola a razão e emoção, decidiu partilhar. "A saúde mental é muito importante. Preciso estar [a] 100% mentalmente para voltar a competir. Voltarei mais forte", esboçou a promessa sem adiantar a data.

Do lado da Liga Mundial de Surf foi imediata a aceitação de um período

Campeão em título, Gabriel Medina está a fazer uma pausa na carreira. Sente-se esgotado física e mentalmente



PAT NOLAN / GETTY IMAGES

de espera sem prazo. "A saúde e segurança dos nossos atletas é da mais alta importância e apoiamos a decisão do Gabriel sobre o seu bem-estar", sublinhou Erik Logan, CEO da WSL. "Cá estaremos para lhe dar as boas-vindas quando se sentir preparado", finalizou.

Sem vacina...

A temporada arranca sem o surfista de Maresias, São Paulo, cuja imunidade face a perturbações psicológicas não se conquistou com a mesma vacina que tomou contra a covid-19 nas férias.

Frederico Moraes, n.º 10 do *ranking*, é o único surfista português entre a elite mundial de *surf*. Campeonato começa com 36 homens e 18 mulheres

A ausência de vacinação, recorde-se, impediu-o de entrar nas finais de Agosto, em Teahupoo, no Taiti. Na altura, refugiou a justificação em questões de agenda e na impossibilidade de cumprir a quarentena entre duas etapas seguidas - México e Polinésia Francesa - no pós-Jogos Olímpicos Tóquio 2020.

Ora, meio ano passado, a obrigatoriedade da vacinação contra o novo coronavírus está na ordem do dia em algumas provas desportivas. O *surf* não parece ficar imune a esta tendência. Kelly Slater, 17 vezes campeão mundial, poderá vir a ser o próximo a quem seja recusado o direito de competir na Austrália, onde estão previstas duas etapas.

Debaixo de dúvidas sobre o seu estado (Slater não é contra a vacinação, mas sim contra a obrigatoriedade da mesma), certezas ecoam das entidades governamentais e federais de saúde e desporto australianas - não querem outra novela Djokovic. Em resumo: quem não tem vacina, não entra na água.

"Esta é uma questão sensível na qual a WSL pouco pode interferir", disse ao NOVO Francisco Spinola,

Sexta-feira  
28 de Janeiro de 2022

director-geral da Liga Mundial de Surf para a Europa, África e Médio Oriente. "Tal como noutras ligas, atletas e organização, estejam ou não de acordo, estão sujeitos às normas em vigor e, como tal, a sua participação vai depender disso mesmo", explicou. Spinola adiantou ainda que "a posição da WSL neste momento é a de adaptar o protocolo interno às normas em vigor em cada país". Socorre-se de um exemplo. "Em Portugal, temos mantido contactos regulares com as autoridades de forma a podermos manter atletas e *staff* internacional actualizados sobre as exigências", apontou.

Rosa e azul lado a lado

Em 2022, dois anos após o cancelamento do Circuito de 2020, a pandemia não permite ainda dar nada como certo. "Com as complexidades para viagens internacionais durante esta pandemia, manteremos a flexibilidade para ajustar o nosso calendário", informa a WSL, que mantém o diálogo com parceiros governamentais e autoridades de saúde locais, de modo a salvaguardar a segurança dos atletas.

Sexta-feira  
28 de Janeiro de 2022

Dados

WSL CHAMPIONSHIP TOUR:

**Billabong Pro Pipeline** (Havai) - 29 de Janeiro a 10 de Fevereiro  
**Hurley Pro Sunset Beach** (Havai) - 11 a 23 de Fevereiro  
**MEO Pro Portugal** (Portugal) - 3 a 13 Março  
**Rip Curl Pro Bells Beach** (Austrália) - 10 a 20 de Abril  
**Margaret River Pro** (Austrália) - 24 de Abril a 4 de Maio  
**Quiksilver / ROXY Pro G-Land** (Indonésia) - 28 de Maio a 6 de Junho  
**Surf City El Salvador Pro** - 12 a 20 de Junho  
**Oi Rio Pro** (Brasil) - 23 a 30 de Junho  
**Corona Open J-Bay** (África do Sul) - 12 a 21 de Julho  
**Tahiti Pro** (Taiti) - 11 a 21 de Agosto  
**WSL Final 5** disputa do título mundial masculino e feminino  
**Rip Curl WSL Finals**, Lower Trestles, Califórnia, EUA, 8 a 16 de Setembro

## Domínio australiano

São sete os países cujos surfistas celebraram títulos mundiais masculino (África do Sul, Austrália, Brasil, Estados Unidos, Havai, Peru e Reino Unido) e cinco a receber o ceptro feminino (África do Sul, Austrália, Estados Unidos, Havai e Peru). Peter Townend (Austrália), em 1976, e Margo Oberg (Havai), no ano seguinte, foram os primeiros campeões. O americano Kelly Slater é rei do títulos (11). As australianas Stephanie Gilmore e Layne Beachley partilham palmarés com sete títulos cada. Gabriel Medina foi o 6.º surfista da história a ser pelo menos tricampeão mundial, e o primeiro brasileiro. A Austrália domina no *surf* feminino, com 22 títulos, e em masculino mantém uma vantagem de um (com 16) em relação aos EUA.

O novo formato do Circuito introduz a meio da temporada um *cut*, uma separação dos surfistas com melhor *ranking* (são contabilizáveis as quatro melhores etapas), conduzindo este grupo, engrossado por 2+2 *wildcards*, convites endereçados pela organização, às finais Rip Curl WSL Finals, em Lower Trestles, Califórnia, nos Estados Unidos. Aí, entram para a contabilidade as nove melhores prestações. Os

melhores surfistas continuarão para a segunda metade do *tour* e carimbam automaticamente a requalificação para o CT 2023.

Supertubos de regresso

Peniche está de regresso com os Supertubos. Depois de acolher a etapa portuguesa do circuito mundial desde 2009, ver cancelada a edição de 2020 e ter saído da rota em 2021, retorna este ano ao Excel competitivo.

G-Land, na Indonésia, volta ao calendário ao fim de 24 anos na competição masculina e faz a estreia absoluta nas baterias femininas. El Salvador abre as portas pela primeira vez ao circuito.

Jogar a direito

## Mercado 2021



Gonçalo Almeida

Porque as estatísticas revelam bastante informação vital, também no que toca à análise da indústria do futebol, eis que, no passado dia 14, a FIFA publicou o já habitual relatório anual de transferências de jogadores ocorridas no ano precedente. Tal relatório, como o próprio nome indica - "FIFA Global Transfer Report 2021" - procede a uma análise detalhada das transferências internacionais de jogadores de futebol.

Desde logo, no que ao futebol profissional masculino diz respeito, sobressai um aumento de 5,1% relativamente ao ano de 2020, num total de 18 068 transferências, envolvendo 15 617 jogadores de 179 nacionalidades distintas, num sinal claro da abertura do mercado após a quebra acentuada verificada no referido período homólogo, em que os efeitos da actual

pandemia mais se fizeram sentir. De destacar, igualmente, o facto de 66,8% das referidas transferências corresponderem a jogadores livres, 43,5% em virtude da caducidade do contrato anterior, 33,9% no âmbito de uma resolução contratual por mútuo acordo, 19% por não possuírem qualquer contrato anterior e 3,6% na sequência de uma resolução contratual unilateral.

Mais se destaca o facto de, pelo segundo ano consecutivo, o valor das transferências, em que apenas 12,3% envolveram algum tipo de compensação financeira, ter descido 13,6% face a 2020, totalizando 4,86 mil milhões de dólares norte-americanos.

No que toca ao futebol feminino, este continua em franco crescimento, muito por conta da forte aposta de que tem

sido alvo nos últimos anos. Ainda que incomparável face à realidade masculina, o número total de tais transferências aumentou em 26,2%, de 1033 em 2020, para 1304 em 2021, com um número recorde de 113 nacionalidades. Já 87,3% das transferências envolveram jogadoras sem contrato, enquanto que as transferências permanentes, as cedências temporárias (os chamados empréstimos) e as de regresso de tais cedências perfizeram a quota remanescente, correspondendo a 5,2%, 4,4% e 3,1%, respectivamente.

Neste contexto de crescimento, atingiu-se um novo recorde ao nível dos valores das transferências, de 72,8% relativamente a 2020, num total de 2,1 milhões de dólares norte-americanos.

Já ao nível do estatuto dos atletas amadores, é de sublinhar que, no primeiro ano em que as respectivas transferências internacionais passaram a ser processadas via TMS, foi possível constatar um total de 35 367, das quais 84% foram realizadas sob a égide da UEFA, apesar de dispersas por 17 571 clubes filiados em 201 associações nacionais.

Por último, destaca o fluxo de transferências de jogadores profissionais entre Brasil e Portugal, o qual ocupa o primeiro lugar do respectivo *ranking*, num total de 493 transferências. É certo que o idioma, a cultura e o clima são factores que contribuem para uma melhor adaptação ao nosso país, mas é à Convenção de Igualdade de Direitos e Deveres, celebrada entre ambos os países em 1971, que se deve o facto de continuarmos a beneficiar ilimitadamente do imenso talento que emerge de terras de Vera Cruz, na medida em que, no âmbito do futebol, tal convenção garante o estatuto de igualdade entre jogadores portugueses e brasileiros, escapando estes últimos às limitações impostas a cidadãos extra-comunitários.

Advogado